

**O embate comercial travado entre China e Estados Unidos:  
os reflexos econômicos gerados para o Brasil<sup>(\*)</sup>**

**The trade clash between China and the United States:  
the economic repercussions generated for Brazil**

**La batalla comercial entre China y Estados Unidos:  
sus reflejos en la economía de Brasil**

**Marcelo Fernando Quiroga Obregon<sup>1</sup>**

**Bruna Maria Drews Villas<sup>2</sup>**

---

**Sumário:** Introdução. **1.** A ascensão da China enquanto potência econômica no mercado mundial. **2.** A eleição de Donald Trump e a implementação de medidas nacionalistas (*America First*). **3.** A criação de taxas americanas sobre o aço e o alumínio estrangeiro e a retaliação chinesa: o aumento da tarifação de produtos

---

(\*) Recibido: 24 setiembre 2018 | Aceptado: 10 enero 2019 | Publicación en línea: 1ro. julio 2019.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución-NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

<sup>1</sup> Doutor em Direito. Direitos e Garantias Fundamentais na Faculdade de Direito de Vitória - FDV. Mestre em Direito Internacional e Comunitário pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Especialista em Política Internacional pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Graduado em Direito pela Universidade Federal do Espírito Santo. Coordenador Acadêmico do curso de especialização em Direito Marítimo e Portuário na Faculdade de Direito de Vitória - FDV. Professor de Direito Internacional e Direito Marítimo e Portuário nos cursos de graduação e pós-graduação na Faculdade de Direito de Vitória - FDV. [mfqobregon@yahoo.com.br](mailto:mfqobregon@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Discente do 10º (décimo) período matutino, do Curso de Graduação em Direito da Faculdade de Direito de Vitória. [brunadrewsvillas@gmail.com](mailto:brunadrewsvillas@gmail.com)

americanos. 4. O posicionamento da OMC e os reflexos econômicos para o Brasil. – Conclusão. – Referências.

**Resumo:** A presente composição tem por intenção analisar de que forma o recente abalo, ocorrido nas relações comerciais sino-americanas, pode influenciar no mercado brasileiro. A princípio, será analisado de que forma ocorreu a ascensão chinesa, enquanto potência comercial no mercado internacional. Em segundo, examinar-se-á como a eleição nos Estados Unidos, com consequente nomeação do republicano Donald Trump, conhecido por sua política nacionalista *America First*, contribuíram para o aumento da animosidade e competitividade em relação à China no cenário mundial. Após, será perpassado o momento, considerado por muitos economistas como sendo o estopim desse embate comercial velado, no qual as relações comerciais entre os mencionados países se tornou mais hostil, em razão do aumento do imposto americano sobre o aço e o alumínio. Não obstante, será avaliado, também, a forma com que se deu o contra-ataque chinês, mais especificamente em relação ao aumento da tarifação sobre 128 (cento e vinte e oito) produtos americanos. Por fim, será consignado o posicionamento da Organização Mundial do Comércio (OMC) diante de tais desavenças comerciais e os reflexos ocasionados para o Brasil.

**Palavras-chave:** Direito Internacional, Direito Comercial Internacional, embate comercial, China, Estados Unidos, aumento da tributação sobre aço e alumínio.

**Abstract:** The present composition is intended to analyze how the recent shock, which occurred in Sino-US trade relations, may influence the Brazilian market. At the outset, it will be analyzed how the Chinese rise occurred as a trading power in the international market. Second, it will examine how the election in the United States, with the consequent appointment of Republican Donald Trump, known for his nationalist politics *America First*, contributed to the increase of animosity and competitiveness towards China on the world stage. After that, the moment will be crossed, considered by many economists to be the source of this veiled trade clash, in which trade relations between those countries became more hostile, due to the increase of the American tax on steel and aluminum. However, it will also be evaluated how the Chinese counterattack occurred, more specifically in relation to the increase in tariffs on 128 (one hundred and twenty-eight) American products. Finally, the position of the World Trade Organization (WTO) will be

consigned in the face of such trade disputes and the repercussions for Brazil.

**Keywords:** International Right, International Commercial Law, Commercial Shock, China, U.S.A., increased taxation on steel and aluminum.

**Resumen:** El presente trabajo tiene por objetivo analizar de qué forma, lo ocurrido en las relaciones comerciales chino-americanas, puede influenciar en el mercado brasileño. En principio, se analizará de qué forma se produjo el ascenso chino, como potencia comercial en el mercado internacional. En segundo lugar, se examinará cómo la elección en Estados Unidos, con el consiguiente nombramiento del republicano Donald Trump, conocido por su política nacionalista *America First*, contribuyó al aumento de la animosidad y competitividad hacia China en el escenario mundial. Después, se revisará el momento, considerado por muchos economistas como el detonante de ese embate comercial velado, en el que las relaciones comerciales entre los mencionados países se han vuelto más hostil, debido al aumento del impuesto estadounidense sobre el acero y el aluminio. Se evaluará también la forma en que se dio el contraataque chino, más específicamente en relación al aumento de aranceles en 128% sobre los productos americanos. Por último, se consignará el posicionamiento de la Organización Mundial del Comercio (OMC) ante tales desavenencias comerciales y los efectos en la economía de Brasil.

**Palabras clave:** Derecho internacional. Derecho Comercial Internacional. Embate Comercial. China. Estados Unidos. Aumento de la tributación sobre el acero y el aluminio.

---

## Introdução

Após o fim da Guerra Fria, a China teve sua administração centralizada nas mãos do Partido Comunista, que implantou em seu território uma política nacional de desenvolvimento. Aos poucos, dada a vasta disponibilidade de mão de obra barata e extensão territorial, os chineses passaram a ser convidativos às grandes empresas multinacionais.

Em pouco tempo, a China se desenvolveu tecnologicamente, graças aos conhecimentos e apetrechos trazidos pelas multinacionais, vindo a figurar, nos dias atuais como a segunda maior potência econômica do mundo.

Em contrapartida, a maior potência econômica (Estados Unidos), desde as eleições ocorridas em 2016 (dois mil e dezesseis) vem sofrendo mudanças profundas em sua administração, tendo impactado diretamente em suas relações comerciais internacionais.

Com a vitória do novaiorquino, candidato do partido republicano, Donald Trump, instalou-se em território americano a política por ele concebida, a qual recebeu a alcunha de *America First*. Com ela, Trump visa desenvolver economicamente a nação americana, priorizando-a frente aos demais países com quem se relaciona no cenário mundial<sup>3</sup>.

Uma das medidas mais polêmicas empreendidas por Trump consistiu na criação de taxas sobre o aço e o alumínio estrangeiro, como forma de fortalecer a indústria americana em detrimento de produtos importados. É cediço, no entanto, que muitos países foram retirados da lista a qual se aplicaria o aumento, restando, somente a China.

Ante tal posicionamento hostil, o governo chinês apresentou uma ação contra os Estados Unidos na OMC, pela imposição das taxas de importação, que culminaram em milhões de dólares. Além disso, o mercado chinês tratou de retaliar a medida, implantando, também, um aumento sobre tarifação de 128 (cento e vinte e oito) produtos americanos.

Segundo as recentes manifestações da Organização Mundial de Comércio, a guerra comercial travada pela China e pelos Estados Unidos pode ir além da imposição de barreiras tarifárias, podendo repercutir negativamente sobre o cenário mundial, inclusive sobre o Brasil, conforme será visto a seguir.

## **1. a ascensão da china enquanto potência econômica no mercado mundial**

Em meados de 1978, a China era regida pelo Partido Comunista, o que acabou por impactar na economia do país, a qual foi se tornando planejada e centralizada, graças à uma política de nacional desenvolvimento.

Após, por volta dos anos 2000, o governante Deng Xiaoping investiu fortemente na educação, privatizou inúmeras empresas estatais e acolheu inúmeras multinacionais em seu território.

---

<sup>3</sup>Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-40131127>

A abertura para as grandes multinacionais, fora visada pois as empresas viam na China uma grande oportunidade de fazer uso de mão de obra barata e de um vasto mercado interno. Dada à vasta extensão territorial, a China também pôde contar, também, com uma grande disponibilidade de matéria prima própria.

Assim, graças às tecnologias e apetrechos trazidos pelas multinacionais, os quais foram absorvidos e aprimorados pelo mercado chinês, o país passou a crescer exponencialmente frente ao mercado internacional. Contudo, ao contrário da animosidade alimentada por Trump, os diplomatas chineses não visavam fomentar uma relação de competição com os americanos no mercado global.

Ao contrário, os diplomatas concluíram que não deveriam almejar o domínio do comércio internacional, à época pertencente dos Estados Unidos, mas sim estabelecer uma relação de cooperação com esse país.

Isso porque, os americanos representavam a melhor fonte de tecnologia para os chineses, sob a forma das empresas multinacionais que se instalaram no país, além de representarem uma grande fonte de investimento e de demanda por seus produtos<sup>4</sup>.

Assim, diferentemente do que acredita o atual presente norte-americano, a ascensão comercial da China se deu de forma pacífica, sem qualquer vestígio de antiamericanismo ou intuito de acirrar uma competição pelo mercado global.

Atualmente, a China figura como a maior economia exportadora do globo, vindo a fornecer produtos e insumos, sobretudo, para a União Européia e para os demais países do continente Asiático.

Contudo, paralela à ascensão chinesa, os Estados Unidos da América, também enquanto potência econômica, vieram a presenciar inúmeras modificações em sua gestão e economia, o que acabou por eclodir em um embate comercial velando entre ambos os territórios.

## **2 a eleição de donald trump e a implantação de medidas nacionalistas (america first)**

Após vencer as eleições presidenciais em 2016 (dois mil e dezesseis), o novaiorquino, membro do partido republicano, Donald Trump começou a implantar a política por ele defendida em sua campanha, a qual recebeu a alcunha de *America First*.

---

<sup>4</sup>Disponível em: <http://www.defesanet.com.br/geopolitica/noticia/1433/A-ascensao-da-China/>

Segundo o jornalista Paul Adams, correspondente da BBC News nos Estados Unidos, a política de Trump sinaliza a restauração da liderança americana no cenário mundial, de forma que os recursos diplomáticos, econômicos e militares dos EUA estejam voltados estritamente à promoção da prosperidade americana<sup>5</sup>.

As medidas adotadas pelo presidente consistem em um projeto altamente nacionalista e protencionista, no qual Trump pretende fortalecer a economia e o mercado interno dos Estados Unidos, ao priorizar os produtos e insumos nacionais em detrimentos dos importados, conforme documentado por Laporta e Gomes<sup>6</sup>.

Em uma das aparições públicas do presidente, o Diretor do Conselho Econômico Nacional americano, Herbert McMaster, afirmou que “America First, não significa América sozinha”, deixando claro que a intenção do presidente é ter uma abordagem altamente competitiva, de forma a restaurar a liderança americana, fazer com que ela atinja a posição de glória e respeito, que anteriormente lhe era atribuída<sup>7</sup>.

Outro ponto mencionado durante os comícios de Trump, desrespeito à animosidade que o presidente alimenta em relação à China, no qual ele acusa o país de ter se apropriado de patentes de tecnologia de ponta para atuar no mercado chinês, descartando as multinacionais americanas que lá se instalaram.

Tal comportamento hostil veio a culminar em uma série de medidas protecionistas as quais acabaram por prejudicar os países que comerciavam com os EUA, entre eles a própria China. Contudo, em oito de março de dois mil e dezoito, Trump anunciou a imposição de novas taxas sobre o aço e o alumínio importados.

### **3 A criação de taxas americanas sobre o aço e o alumínio estrangeiro e a retaliação chinesa: o aumento da tarifação de produtos americanos**

Conforme mencionado acima, uma das medidas protecionistas lançadas por Donald Trump consistiu na imposição de taxas de 25% (vinte e cinco por cento) sobre o aço e 10% (dez por cento) sobre o alumínio importado

---

<sup>5</sup>Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-40131127>

<sup>6</sup>Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/entenda-a-guerra-comercial-entre-eua-e-china-e-como-ela-pode-afetar-a-economia-mundial.ghtml>

<sup>7</sup>Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-40131127>

pelos Estados Unidos de países estrangeiros. Dentre os principais atingidos encontra-se a China e o Brasil.

Para decretar o aumento da tributação sobre os mencionados insumos, Trump acionou um dispositivo criado para defender a segurança nacional americana, denominado seção 232, que não era utilizado desde à posse de Barack Obama, em 2011 (dois mil e onze).

O republicano pauta-se na ideia de que esses recursos foram desprivilegiados no próprio cenário nacional, por importações estrangeiras, havendo a necessidade de recuperar tal posição.

Ocorre que os EUA possuíam, até o corrente ano, um déficit comercial de 800 (oitocentos) bilhões de dólares, sendo 500 (quinhentos) bilhões de dólares em relação à China. Assim, o presidente entendeu por bem contrapor-se à importação dos insumos chineses, afim de evitar maiores prejuízos ao mercado americano.

Contudo, segundo Robert Lighthizer, outro representante do comércio americano, o republicano pretende excluir inúmeros dos países estrangeiros os quais estavam incluídos na lista de taxaço do aço e do alumínio.

Dentro os países citados, encontram-se todos os países que atualmente compõem a União Européia, a Coreia do Sul, Argentina, Austrália e até mesmo o Brasil<sup>8</sup>.

As isenções também já haviam sido apresentadas em relação ao Canadá e ao México, considerados parceiros comerciais dos americanos. Sabe-se, contudo, que segundo consta nos dados de 2017 (dois mil e dezessete), a somatória do Canadá, Brasil, Coreia do Sul, México e Alemanha somam 52% (cinquenta e dois por cento) das importações americanas, o que não encontraria exata consonância com o discurso de Trump.

Isso porque, conforme mencionado acima, a ideia trazida pelo America First, implica no fortalecimento do mercado interno americano e, ao conceder tais isenções, tem-se que Trump não está exatamente primando por tal medida, o que acabou por acirrar o clima de animosidade em relação à China, que não foi incluída entre os países a serem isentados quanto à exportação.

Portanto, paulatinamente, o presidente republicano pretende um a um dos países listados para sofrer o aumento, deixando, tão somente a China para arcar com tais encargos. Ante a essa clara afronta, o governo chinês tratou

---

<sup>8</sup>Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/eua-vaao-excluir-brasil-ue-e-outros-paises-de-taxacao-sobre-o-aco-diz-autoridade-de-comercio-norte-americano.ghtml>

de entrar com uma ação perante a Organização Mundial do Comércio, exigindo uma reação quanto à medida negativa adotada pelos EUA.

Não bastasse as taxações já adotadas, Trump também se manifestou com a intenção de impor mais 100 (cem) bilhões de dólares em tarifas sobre produtos chineses, que vão além de meros insumos como o aço e o alumínio<sup>9</sup>.

Concomitantemente, o governo chinês tratou de editar novos regimentos prevendo o aumento sobre 128 (cento e vinte e oito) produtos americanos dentro de seu território nacional, dentre os quais estão a soja e os automóveis.

O porta-voz do governo chinês, Geng Shuang, anunciou que “Qualquer tentativa de colocar a China de joelhos com ameaças e intimidações nunca terá êxito. Tampouco terá êxito dessa vez”<sup>10</sup>.

Em poucas palavras, o governo chinês mandou uma mensagem aos americanos de que, enquanto sociedade milenar, a China não se colocará à mercê de estrangeiros, na posição de subalternidade.

No entanto, ocorre, por exemplo, que um terço da produção da soja americana é vendida para a China, estimando 14 (quatorze) bilhões de dólares, o que importará em uma perda considerável para a economia americana.

Por outro lado, a população numerosa da China carece do recebimento deste produto, o que segundo relata o economista-chefe da Ásia na Capital Economics, não será possível suprir, dado que o EUA atualmente é o único capaz de fornecer a quantidade necessária de soja para atender-los<sup>11</sup>.

Assim, é possível vislumbrar a situação hostil em que se encontram envolvidas ambas as potências comerciais, por um lado há a tentativa de se afirmarem enquanto nações autossuficientes, dispostas a acirrar o clima de competitividade, por outro há a real necessidade em suprir as demandas internas do país.

---

<sup>9</sup>Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/entenda-a-guerra-comercial-entre-eua-e-china-e-como-ela-pode-afetar-a-economia-mundial.ghtml>

<sup>10</sup>Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/eua-vao-excluir-brasil-ue-e-outros-paises-de-taxacao-sobre-o-aco-diz-autoridade-de-comercio-norte-americano.ghtml>

<sup>11</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/china-retalia-tarifas-dos-eua-e-adota-taxas-sobre-soja-e-avioes.ghtml>

#### **4. O posicionamento da omc e os reflexos econômicos para o brasil**

Em entrevistas ocorridas ainda no ano de 2018 (dois mil e dezoito), o Diretor Geral da Organização Mundial do Comércio, Roberto Azevedo se manifestou afirmando que teme que a guerra comercial travada entre China e Estados Unidos possa ir mais além do que um simples embarreamento tarifário, perpassando o conflito para áreas delicadas, podendo acarretar, inclusive, em uma tensão bélica<sup>12</sup>.

Azevedo não quis exemplificar outros mecanismos de que poderiam ser utilizados como munição para ambos os países no embate comercial, sob a alegação de que não deseja alimentar, ainda mais, as tensões estabelecidas entre americanos e chineses.

É cediço que, quando um país deseja questionar as práticas comerciais de um outro país, lhe é facultado abrir um painel na Organização Mundial do Comércio, solicitando mudanças e até mesmo o aval da organização, enquanto mediadora e avaliadora do mercado internacional, para retaliar o país concorrente.

Nesses painéis, são avaliadas as retaliações a serem consentidas, caso a caso, cabendo à Organização analisar se haverá danos ou situações injustamente concorrenciais, de forma que, pode ocorrer, de ambos os países serem autorizados a adotar tarifas específicas por tempo determinado, a fim de aplacar a animosidade comercial eventualmente estabelecida.

No entanto, segundo os dados da própria OMC, o volume de disputas comerciais vem crescendo nos últimos meses, tendo a organização sido acionada, por intermédio dos casos de solução de controvérsias os quais são disponibilizados, mais do que ocorrido em 16 (dezesesseis) anos.

Uma das medidas adotadas pela OMC é tentar apaziguar o clima de animosidade com negociações, de forma a confortar os países envolvidos. No entanto, as queixas se perpetuam e os Estados Unidos já se manifestaram insatisfeitos com os órgãos de apelação da própria organização, o que dificulta a possibilidade de abrandamento.

Por outro lado, a China tem recorrido corriqueiramente à OMC, em razão do acirramento das taxações americanas sobre os produtos chineses, tendo obtido medidas controversas dentro da instituição, ora lhe beneficiando e ora lhe prejudicando, sem, contudo, desferir insatisfações contra a organização, da qual se tornou membro apenas em 2001 (dois mil e um).

---

<sup>12</sup>Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/09/guerra-comercial-pode-ir-alem-de-barreiras-tarifarias-diz-omc.shtml>

Ante este cenário, o presidente da AEB, declara que “a China está tentando mostrar a comunidade internacional que ela está seguindo as regras, e os EUA não”. Em outras palavras, enquanto Trump insiste em sustentar um discurso de tarifação, ainda que sem respaldo da OMC, a China tem acatado as medidas sancionadas, mesmo que ora elas não lhe beneficiem, em prol da paz comercial.

Contudo, há anos os EUA possuem um déficit comercial considerável, conforme citado anteriormente, em relação à China, havendo uma clara diferença de exportação e importação entre os países. Durante o mandato de Obama, tal fato foi suscitado, apontando-se ainda que as empresas americanas estavam perdendo a competitividade dentro de seu próprio território nacional<sup>13</sup>.

Com o fito de equilibrar este cenário, após ser eleito, Trump tentou reduzir o rombo em relação à dívida com a China, ofertando ao país um novo plano para comprar mais de seus produtos, tendo sido negada.

Assim, ante a guerra comercial instaurada, conforme registra Pamplona<sup>14</sup> “a escalada de barreiras cria muita incerteza e vai afetar o comércio e o PIB mundial. Decisões e investimentos serão feitos com mais cautela, a taxa de câmbio em países emergentes já reflete a instabilidade internacional”.

Caso as negociações mediadas pela OMC não obtenham êxito e a situação de animosidade não seja aplacada entre os dois países, acredita-se que o conflito poderá afetar de forma contundente a economia de outros países, uma vez que as cadeias de produção e consumo estão mundialmente interligadas.

Ademais, tem-se que o desequilíbrio comercial também exerce grande pressão sobre o câmbio, o que implica em uma grande valorização do dólar em relação às demais moedas, especialmente nos países emergentes como o Brasil, o que segundo o mencionado funcionário da AEB, “essa queda estimularia a exportação, mas implicaria na importação, que ficaria mais cara”<sup>15</sup>.

O temor real resiste no efeito mais pessimista que poderia ser desencadeado pela intensificação das tensões geopolíticas, podendo vir a desencadear

---

<sup>13</sup>Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/entenda-a-guerra-comercial-entre-eua-e-china-e-como-ela-pode-afetar-a-economia-mundial.ghtml>

<sup>14</sup>Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/entenda-a-guerra-comercial-entre-eua-e-china-e-como-ela-pode-afetar-a-economia-mundial.ghtml>

<sup>15</sup>Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/entenda-a-guerra-comercial-entre-eua-e-china-e-como-ela-pode-afetar-a-economia-mundial.ghtml>

conflitos reais e de caráter militar, podendo gerar repercussões irreparáveis e devastadoras para todo o globo.

Assim, ainda que a China seja ainda considerada uma economia semi-aberta, por não ter preenchido as 15 (quinze) medidas sugeridas pela OMC, o acirramento deste embate, entre as duas principais nações comerciais do mercado internacional, poderá acarretar em recessão.

Um exemplo drástico de como a recessão pode ser devastador e até fomentador de guerras, consiste no *crash* da Bolsa de Nova Iorque, em 1929 (mil novecentos e vinte e nove), que levou países fragilizados a fecharem suas economias, adotando uma política de guerra comercial, o que acabou por culminar na Segunda Guerra Mundial<sup>16</sup>.

Ademais, em relação especificamente ao Brasil, tem-se que o país é o segundo maior exportador de aço para os Estados Unidos, sendo tais vendas equivalentes a um terço das exportações brasileiras.

Após a adoção da mencionada medida protecionista de Trump, o Instituto Aço Brasil informou que as siderúrgicas nacionais sofreriam danos significativos, devendo o país entrar imediatamente com recurso junto à OMC.

Contudo, conforme relatado anteriormente, o novaiorquino já se manifestou, ainda que não tenha implementado nada concreto, de que está propenso a retirar o Brasil, bem como outros países, da lista de taxaço do aço e do alumínio, concedendo-lhes isenções.

O Brasil atualmente ostenta uma pauta de exportação dominada por matérias primas, podendo ter seus rendimentos afetados, quer seja pela negativa do nacionalismo americano, quer seja pela positiva da necessidade em comercializar da China.

Com o intuito mediar tal situação conflituosa, o Brasil empreendeu, na segunda metade do mês de 2018 (dois mil e dezoito) incursões ao EUA, afim de demonstrar que as suas exportações não oferecem riscos à segurança e soberania nacional do país.

Intenciona-se, com tais medidas, um desfecho positivo em relação às exportações brasileiras, no qual o Brasil não seja drasticamente atingido por restrições comerciais em relação aos americanos.

---

<sup>16</sup>Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/entenda-a-guerra-comercial-entre-eua-e-china-e-como-ela-pode-afetar-a-economia-mundial.ghtml>

Por outro lado, segundo o geógrafo e professor assistente de Estudos Internacionais da Universidade da Califórnia, Gustavo Oliveira, todas as perspectivas descritas pela mídia e pelos recentes estudos da OMC não estão mensurando os eventuais benefícios ou prejuízos para os pequenos agricultores e a classe trabalhadora brasileira.

Afirma Oliveira que "O grande problema da forma como esse assunto vem sendo falado em toda a mídia é tratar países como se fossem um bloco único com interesses únicos. No curto prazo, o fato de que existem dois grandes exportadores de soja: Brasil e EUA, e um grande comprador, a China, que está deixando de comprar dos EUA, aumentou o preço da soja doméstica. Mas isso não é necessariamente bom para quem não está no setor de soja. Os pequenos agricultores, na grande parte, não estão se beneficiando com isso"<sup>17</sup>.

Em outras palavras, destaca-se que a crise comercial deve levar em conta, igualmente, a forma com que a produção e as relações exteriores podem se desenrolar no Brasil, tendo a dependência da China em relação à soja e os outros produtos americanos se desmantelado em grau significativo.

É possível que o Brasil, ante as possíveis novas taxações a serem implantadas por Trump, virem alvo de importação dos chineses. Contudo, caso a China opte por acabar com a situação de animosidade comercial com os EUA, é possível que ela refaça o pacto com os americanos, redirecionando a sua importação para o país concorrente.

Caso essa última hipótese realmente ocorra, estando o Brasil extremamente dependente da exportação para a China, ficará altamente prejudicado, posto que a produção demandada pelos chineses, para atender seu populoso território, é considerável, incorrendo o país em grandes baixas econômicas.

Afim de evitar esse cenário, o ministro da agricultura, Blairo Maggi, levou à reunião dos BRICS, a pauta com a possibilidade de aumento das cotas de farelo de soja, que o país exporta para a China.

O objetivo é demonstrar que a prioridade do governo brasileiro é não reconhecer a crescente vulnerabilidade em depender o agronegócio do país de uma grande potência como a China<sup>18</sup>.

Assim, conclui-se que a guerra comercial travada entre os dois países tem gerado uma situação de instabilidade que, ainda que não tenha desencadeado

---

<sup>17</sup>Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/07/31/entenda-como-a-guerra-comercial-entre-eua-e-china-afeta-os-agricultores-brasileiros/>

<sup>18</sup>Disponível em: <http://app.luminpdf.com>

repercussões concretas para todos, gera um sentimento de temor por todo o globo.

### **Conclusão**

Ante a instabilidade instaurada com o embate comercial velado atualmente existente entre a China e os Estados Unidos da América, tem-se que o Brasil e outros países emergentes que orbitam entre as duas potências, podem ter suas relações comerciais fortemente abaladas.

Isso porque, conforme supramencionado, os países emergentes, como o Brasil, também foram incluídos, ainda que inconscientemente, nas listas de taxação, sofrendo, ainda, grandes oscilações quanto ao câmbio.

Portanto, para que tais implicações sejam efetivamente apaziguadas, tem-se que a OMC, deverá militar de forma ativa para que as negociações caminhem para a estabilidade entre as relações comerciais dos dois países.

É possível, ainda, que a organização, afim de cessar integralmente com a possibilidade de intensificação da guerra comercial sino-americana, tenha de estipular sanções mercadológicas de forma a influenciar que os países não descumpram os tratados a serem firmados entre si.

Em contrapartida, tem-se que os Estados Unidos deverão decidir entre manter a animosidade em relação à China, podendo fortalecer internamente a sua economia, ou eliminar as taxações, de forma a cessar com o embate estabelecido com o território chinês.

A China, por sua vez, como supramencionado anteriormente, pode, deliberadamente, reatar com os Estados Unidos, por intermédio de novos pactos comerciais, comprometendo-se a obter os produtos americanos, dentre os quais estão a soja, veículos carnes e outros compostos químicos, de forma a equalizar as relações comerciais entre os dois países.

No entanto, caso não seja possível, há, conforme salientado anteriormente, grandes chances de o mercado internacional ser atingido por uma espécie de recessão, dada a relevância econômica dos países envolvidos no embate.

Por fim, na pior das hipóteses, há que se considerar a possibilidade de ser instaurado um embate militar, caso a situação decadente do câmbio e do comércio internacional, intensifiquem a rivalidade entre os Estados Unidos e a China.

### **Referências**

**AMERICA FIRST?** Paul Adams. 2 jun. 2017. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-40131127>> Acesso em: 10 set. 2018.

**CHINA VAI A OMC CONTRA TARIFAS DOS EUA PARA O AÇO E ALUMÍNIO.** Peter Reuters. 5 de maio de 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/entenda-a-guerra-comercial-entre-eua-e-china-e-como-ela-pode-afetar-a-economia-mundial.ghtml>> Acesso em: 10 set. 2018.

**GUERRA COMERCIAL EUA-CHINA VAI AFETAR DECISÕES DE INVESTIMENTOS, DIZ OMC.** Nicola Pamplona. 19 set. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/09/guerra-comercial-pode-ir-alem-de-barreiras-tarifarias-diz-omc.shtml>> Acesso em: 10 set. 2018.

**EUA IMPÕEM SOBRETAXA DE 25% AO AÇO IMPORTADO E 10% AO ALUMÍNIO.** Marina Gazzoni. 8 mar. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/eua-impoem-sobretaxa-de-25-ao-aco-importado-e-10-ao-aluminio.ghtml>> Acesso em: 10 set. 2018.

**EUA VÃO EXCLUIR BRASIL E OUTROS PAÍSES DE TAXAÇÃO SOBRE O AÇO.** Peter Reuters. 22 mar. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/eua-vao-excluir-brasil-ue-e-outros-paises-de-taxacao-sobre-o-aco-diz-autoridade-de-comercio-norte-americano.ghtml>> Acesso em: 10 set. 2018.

**CHINA RETALIA TARIFAS DOS EUA E ADOTA TAXAS SOBRE SOJA E AVIÕES.** Marina Gazzoni. 8 de mar. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/china-retalia-tarifas-dos-eua-e-adota-taxas-sobre-soja-e-avioes.ghtml>> Acesso em: 10 set. 2018.

**ENTENDA COMO A GUERRA COMERCIAL ENTRE EUA E CHINA AFETA OS AGRICULTORES BRASILEIROS.** Júlia Dolce. 31 jun. 2018. Disponível em: <<http://app.luminpdf.com>> Acesso em: Acesso em: 10 set. 2018.